



Educação Física escolar, cultura corporal e desigualdades socioeconômicas: análise documental dos saberes disseminados por meios de comunicação progressistas

School Physical Education, corporal culture and socioeconomic inequalities: documental analysis of knowledge disseminated by progressive media

Educación Física escolar, cultura corporal y desigualdades socioeconómicas: análisis documental del conocimiento divulgado por medios progresistas

Guilherme Mariano de Oliveira Sousa 

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de São Paulo, São Paulo, Jacaréi, 
Brasil. sousa.mariano@aluno.ifsp.edu.br

Daniel Teixeira Maldonado 

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de São Paulo, São Paulo, Jacaréi, 
Brasil. danielmaldonado@yahoo.com.br

10.31668/praxia.v5i0.13595 

Resumo: O objetivo desse estudo foi analisar as publicações realizadas no jornal El País e na revista Carta Capital sobre as relações entre as manifestações da cultura corporal e as desigualdades socioeconômicas, com a intencionalidade de produzir reflexões sobre os saberes que podem ser problematizados nas aulas de Educação Física Escolar em uma perspectiva crítica. Foram analisadas todas as reportagens publicadas nesses meios de comunicação a partir da análise temática. Os temas identificados foram: desvalorização social no meio esportivo, a influência das manifestações da cultura corporal no meio social, elitização e corrupção no esporte. Por fim, o estudo mostrou as dificuldades que as práticas esportivas enfrentam e as consequências que tais impasses causam na comunidade. As práticas da cultura corporal precisam ser reconhecidas como uma forma de direito social para a população, sendo esse um tema potente para ser analisado nas aulas de Educação Física na Educação Básica.

Abstract: The objective of this study was to analyse the publications made in the newspaper El País and in the magazine Carta Capital on the relations between the manifestations of body culture and socioeconomic inequalities, with the intention of producing reflections on the knowledge that can be problematized in Physical Education classes School in a critical perspective. All reports published in these media were analysed based on thematic analysis. The themes identified were: social devaluation in sports, the influence of manifestations of body culture in the social environment, elitism and corruption in sports. Finally, the study showed the difficulties that sports practices face and the consequences that such impasses cause in the community. Body culture practices need to be recognized as a form of social right for the population, which is a powerful theme to be analysed in Physical Education classes in Basic Education.

Palavras-chave:

Cultural Corporal.
Desigualdades socioeconômicas.
Educação Física escolar.

Keywords:

Corporal Culture.
Socioeconomic inequalities.
School Physical Education.

Palabras clave:

Cultura Corporal.
Desigualdades
socioeconómicas.
Educación Física escolar.

Resumen: El presente estudio tuvo como objetivo analizar las publicaciones realizadas en el diario El País y en la revista Carta Capital sobre las relaciones entre las manifestaciones de la cultura corporal y las desigualdades socioeconómicas, con la intención de producir reflexiones sobre los saberes que se pueden enseñar en Educación Física. Todos los reportajes publicados en estos medios fueron analizados a partir del análisis temático. Los temas identificados fueron: la desvalorización social en el deporte, la influencia de las manifestaciones de la cultura corporal en el medio social, el elitismo y la corrupción en el deporte. Finalmente, el estudio mostró las dificultades que enfrenta la práctica deportiva y las consecuencias que tales impasses provocan en la comunidad. Las prácticas de cultura del cuerpo necesitan ser reconocidas como una forma de derecho social para la población, lo cual es un tema poderoso para ser analizado en las clases de Educación Física.

Introdução

A escola pode ser um espaço privilegiado para problematizar as imensas desigualdades socioeconômicas existentes na sociedade contemporânea. Especificamente nas aulas de Educação Física Escolar, as relações entre as manifestações da cultura corporal e as injustiças sociais são temas potentes para efetivar uma mudança societária (MALDONADO, 2021).

Nesse contexto, os currículos críticos da Educação Física Escolar, intitulados como crítico-superador (CASTELLANI FILHO *et al.*, 2009), crítico-emancipatório (KUNZ, 2006) e crítico-libertador (BOSSLE, 2021), advogam pela tematização das diversas relações societárias que atravessam as práticas da cultura corporal, possibilitando que os(as) estudantes desvelem a realidade de forma crítica, com a intencionalidade de construir relações sociais mais equitativas e justas.

Maldonado e Neira (2022a) e Maldonado, Silva e Martins (2022) mencionam que se torna cada vez mais necessário pensar em projetos educativos nas aulas de Educação Física Escolar que busquem a justiça social. Todavia, para alcançar esse objetivo, professores e professoras do componente curricular necessitam analisar, em diálogo com os(as) educandos(as), as relações existentes entre as manifestações da cultura corporal e as opressões sociais produzidas na sociedade neoliberal.

Na perspectiva de contribuir com esse debate, esse estudo possui como objetivo analisar as publicações realizadas no jornal El País e na revista Carta Capital sobre as relações entre as manifestações da cultura corporal e as desigualdades socioeconômicas, com a intencionalidade de produzir reflexões sobre os saberes que podem ser problematizados nas aulas de Educação Física Escolar em uma perspectiva crítica.

Materiais e métodos

Trata-se de pesquisa qualitativa de interpretação de documentos (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009) em ambiente virtual online. Na perspectiva de Lüdke e André (2003), a análise documental se constitui como uma técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um determinado problema. São considerados documentos quaisquer materiais escritos que possam ser utilizados como fonte de informação sobre o comportamento humano, sendo que a escolha do material de análise nunca é aleatória. Existe sempre alguns propósitos, ideias ou hipóteses guiando essa seleção.

Assim, essa pesquisa buscou respostas ao objetivo do estudo nos dados verbais das reportagens disponíveis nos endereços digitais do Jornal El País e na



Revista Carta Capital, por conta de um escopo editorial crítico e reflexivo. Destaca-se a importância de analisar esses meios de comunicação pela falta de estudos disponíveis na área de Educação Física que se debruçaram em compreender os conhecimentos disseminados sobre a cultura corporal em mídias consideradas alternativas e que não possuem grande circulação entre a população.

A pesquisa foi efetuada em etapas: 1. Exploração de todas as abas e links disponíveis dos endereços eletrônicos entre os meses de maio e julho de 2022; 2. Localização das reportagens sobre as relações entre as desigualdades socioeconômicas e os jogos, brincadeiras, lutas, esportes, danças e ginásticas, sendo essas as palavras-chave utilizadas nas abas de busca dos meios de comunicação na sua versão online; 3. Leitura e seleção de todo o acervo digital que versa sobre a temática da pesquisa; 4. Análise temática 5. Organização dos temas em tabelas e textos descritivos.

Importante ressaltar que foram utilizadas as reportagens disponíveis nos sites da Revista Carta Capital e do Jornal El País que estavam disponíveis de forma gratuita até a data da busca para todo o público. Além disso, todas as matérias que faziam menção às desigualdades socioeconômicas que atravessam as manifestações da cultura corporal foram selecionadas e lidas na íntegra.

O material empírico foi submetido à análise temática, que possibilita fornecer uma descrição mais detalhada e diferenciada sobre um determinado tema específico ou grupo de temas. Portanto, a análise temática envolve a busca a partir de um conjunto de materiais, sejam originários de entrevistas, grupos focais ou de uma série de textos, a fim de encontrar os padrões repetidos de significados, a partir de um constante movimento de reflexão crítica (BRAUN; CLARKE, 2006).

Utilizou-se as seis fases da análise temática nessa pesquisa, como sugerido por Braun e Clarke (2006). Na fase 1, os pesquisadores se familiarizaram com os dados, mergulhando no material com a intencionalidade de alcançar com profundidade e amplitude o conteúdo. Na fase 2, produziu-se códigos iniciais a partir dos dados. Ao iniciar a construção dos temas, iniciou-se na fase 3 da análise temática, que se efetivou quando todos os códigos estavam codificados e agrupados no conjunto dos dados. Durante a fase 4, foram revisados os temas e os extratos codificados, produzindo um refinamento da análise temática. Assim, a fase 5 foi organizada com a definição e denominação dos temas. Por fim, na fase 6 foi produzida a escrita do texto, fornecendo uma análise concisa, coerente e lógica.

Resultados e discussão

As categorias temáticas dessa pesquisa foram criadas levando em consideração que a cultura corporal pode ser compreendida como uma parcela da

cultura mais ampla que contempla todos os saberes e representações relacionados com as danças, lutas, ginásticas, esportes, jogos e brincadeiras (NEIRA, 2014). Portanto, mesmo que as reportagens analisadas tratassem de forma hegemônica dos esportes, entendeu-se que seria pertinente analisar o material empírico a partir da nomenclatura mais utilizada na área de Educação Física, já que a produção epistêmica sobre as manifestações da cultura corporal ainda não se tornou consistente nas construções textuais do contexto midiático brasileiro.

Assim, após organizar as reportagens encontradas, os temas identificados foram percorridos da seguinte forma: desvalorização social no meio esportivo, a influência das manifestações da cultura corporal no meio social, elitização do esporte e corrupção no esporte.

Desvalorização social no meio esportivo

Após encontrar um total de 45 reportagens entre os sites Carta Capital e El País, achou-se relevante separá-los por temas para que fosse possível melhor discorrer sobre cada um. Assim, a “desvalorização social no meio esportivo” foi uma das temáticas identificadas, com 24 textos, que demonstram a desvalorização social presente no âmbito das práticas esportivas no Brasil, não somente no sentido financeiro e orçamentário, mas também no aspecto cultural, no qual muitas vezes ocorre o desprezo de manifestações da cultura corporal menos conhecidas.

“Ensino Olímpico” é a manchete de uma reportagem escrita em 2012, ano em que as olimpíadas foram realizadas em Londres. Ela defende que o país do futebol ainda tem muito a aprender com o referido megaevento esportivo, a começar pela valorização de outros esportes, visto que ainda na infância as crianças são influenciadas pelos “clubinhos” e pela indústria midiática a desenvolverem uma grande paixão por uma única modalidade, o futebol, impedindo-as de se aproximarem daquilo que mais se identificam de modo natural, ou seja, nesse contexto muitas práticas da cultura corporal acabam sendo ofuscadas e desprestigiadas.

Adicionalmente, um texto publicado pela Carta Capital, em 2021, apresenta uma ideia semelhante com a seguinte manchete: “Não temos atletas, mas heróis”. Maria Flor, a redatora, faz uma crítica aos inúmeros comentários vistos nas redes sociais em relação à vitória dos atletas brasileiros, frases como “É do Brasil!” ; “É nossa!” ; “Heróis do nosso país!” ou “Mais uma medalha para o Brasil” foram muito comuns. No entanto, em um país onde modalidades esportivas são desvalorizadas no ponto de vista cultural e financeiro, como é possível se sentir membro dessas vitórias, uma vez que por trás de cada uma existem esforços e dores completamente individuais e restritas a cada atleta? Para finalizar, Maria Flor defende que outros esportes ganhem



a mesma visibilidade que o futebol, pois somente assim o Brasil deixará de ter heróis e passará a ter esportistas.

“No caminho para o futuro, Educação e Esporte andam de mãos dadas”, é a manchete de mais uma das reportagens encontradas na Carta Capital, a qual apresenta dados sobre redução orçamentária que deveria ser ofertada às práticas esportivas. Bruna Brelaz, autora do texto, defendeu durante a reportagem que assim como a educação, o esporte também deve ser visto como prioridade, uma vez que dá perspectivas a crianças e jovens, ou seja, ambos são pilares para o futuro. Desse modo, toda a verba destinada a eles é um investimento que garante o desenvolvimento social e econômico do país a longo prazo. Entretanto, o que se vê na realidade é um crescente no número de atletas que não possuem patrocínio e que para alcançarem seus objetivos passam a desempenhar atividades paralelas como forma de complemento à renda.

Diante desse cenário, no qual ao(as) atletas se encontram em situação de vulnerabilidade, surge o questionamento sobre a função do programa Bolsa Atleta, por exemplo, que deveria apoiar financeiramente os(as) esportistas brasileiros. A vista disso, o texto de manchete “Ministério do Esporte é alvo do próximo governo” é marcante para esse tipo de questão. O programa fazia parte de um conjunto de benefícios ofertados pelo Ministério do Esporte, órgão governamental extinto em 2019 e que passou a existir como uma secretária dentro do Ministério da Cidadania, sendo um dos possíveis motivos da negligência no fornecimento de bolsas patrocinadoras de atletas, ação que inclusive se contrapõe ao antigo legado desse departamento, que dizia ser responsável pela construção de uma política nacional em que o esporte seria oferecido aos mais diversos grupos sociais. Destarte, se torna importante mencionar que com a constituição do novo governo federal em 2023, o Ministério do Esporte foi instituído novamente, podendo fortalecer ações para os diferentes contextos do meio esportivo.

Além das quatro reportagens citadas e descritas ao longo desse artigo, outras 19 também foram selecionadas com objetivo de analisar, por meio de seus textos, como as desigualdades socioeconômicas afetam negativamente as manifestações da cultura corporal. Entre elas, estão as matérias de título “O incentivo do Brasil ao esporte precisa ir além das Olimpíadas” e “Recorde de medalhas do Brasil contrasta com o corte em investimento no esporte”, que têm abordagens bastante semelhantes, consistindo na crítica ao governo por não aproveitar os megaeventos para investir na sociedade esportiva como um todo, e não somente nos grandes atletas famosos.

Em diálogo com esse debate, Vaz (2016) apresenta algumas reflexões sobre os jogos olímpicos e os sentidos que lhe são atribuídos, com foco direcionado na

relação entre esporte e sociedade, no intuito de construir um quadro que mostre algo da complexidade da presença das olimpíadas no Brasil em 2016. O texto trouxe também questionamentos pertinentes para a época, como sobre o que restará depois do megaevento.

De acordo com o autor, a crise econômica mundial que levou de roldão o Brasil ao, entre outros efeitos, rebaixar o preço das *commodities*, aliada à deterioração política perpetrada por uma deslegitimação sem precedentes do legislativo e do executivo, ajudou a criar um clima de pessimismo e de desconfiança em relação ao evento. Além disso, houve uma dimensão de incômodo porque muitas das obras que beneficiariam a cidade do Rio de Janeiro não foram concluídas, e a situação conflituosa na segurança e nas finanças públicas no estado foi alarmante, com clara falta de recursos para a manutenção mínima do já conhecido estado de precariedade da saúde e da educação (VAZ, 2016).

Dentre os fatores envolvendo crises econômicas citadas no texto, destaca-se o que diz respeito às obras e demais gastos orçamentários demandados durante os megaeventos, os quais poderiam se tornar grandes investimentos benéficos para a sociedade ou enormes prejuízos que apenas causam problemas. Essa foi a incógnita no período da realização dos jogos olímpicos. Além disso, não se sabia qual seria o seu impacto para fruição estética e o fomento da prática esportiva no Brasil. Todavia, o que já se tinha convicção, é que na raiz da candidatura olímpica, se prezou pelo esporte de alto rendimento, prática para muito poucos que formam as elites de cada modalidade. Para escapar dessa armadilha que o Brasil impôs a si mesmo, seria necessário que renunciássemos a fantasias que dizem que um país precisa compulsivamente buscar resultados esportivos de expressão (VAZ, 2016).

Considerando que a desvalorização social no meio esportivo é muitas vezes provocada por governos e administrações falhas, as reportagens de título “A humilhante derrota abre a caixa-preta da sociedade brasileira”; “Qual será nossa imagem para o mundo? Me dá vergonha”; “O Brasil põe em xeque a bolha do futebol” e “Bom Senso expõe a Dilma suas propostas para resolver a crise do futebol brasileiro” trazem assuntos aproximados, que de modo geral, compreendem na listagem dos problemas sociais, financeiros e administrativos presentes atualmente no Brasil e que afetam diretamente as práticas esportivas.

Assim, muitos(as) atletas ficam vulneráveis e acabam sendo prejudicados(as) devido a condução de representantes ruins, situação bem detalhada nas reportagens de título “Jogadora brasileira de futebol faz vaquinha para poder aceitar vaga e treinar em universidade dos EUA” e “Negra, pobre e Silva: o primeiro ouro da Rio 2016 é a cara do Brasil”, no qual jovens atletas apontam os inúmeros desafios enfrentados no



meio esportivo brasileiro, problemas que motivam muitos a ir para outro país em busca de valorização, visto que territórios como os Estados Unidos, por exemplo, enxergam o esporte como um pilar fundamental para a sociedade, fato apresentado na reportagem de manchete “Jogar vôlei e estudar, uma combinação impossível no Brasil e incentivada nos Estados Unidos”, também retirada do El País.

Outro fator prejudicial para o esporte brasileiro, identificado em meio às reportagens selecionadas, são as crises econômicas que o país vem enfrentando, as quais impedem que as verbas sejam destinadas ao aprimoramento das práticas esportivas, uma vez que outros pilares acabam demandando maior atenção. É o que diz as seguintes reportagens: “Os fenômenos olímpicos do boxe que precisaram vender comida para se manter na pandemia”; “O ‘annus horribilis’ para organizar uma Olimpíada”; “Rio-2016 corta gastos, mas não sabe quanto irá economizar”; “Em plena crise, Jogos do Rio desafiam modelo de megaeventos globais”; “Jogos Olímpicos do Rio vão cortar 10% dos gastos por causa da crise”; “Entre cortes de verba e restrições da pandemia, Brasil tenta se preparar para as Olimpíadas de Tóquio” e “O legado dos Jogos está em segundo plano, diz Ana Moser”. Nessa conjuntura, todas as reportagens apontam a crise econômica como principal fator que impacta negativamente a realização de eventos esportivos, subsídio de atletas e abandono financeiro do governo em relação ao esporte brasileiro.

Por fim, ressaltamos que os estudos realizados por Matias *et al.*, (2015) e Canan, Santos e Starepravo (2017) analisaram criticamente os investimentos no esporte brasileiro, apontando limitações dos investimentos públicos nas práticas esportivas e a valorização irrestrita dos atletas de alto nível que recebem os escassos recursos, inviabilizando uma política pública mais ampla para a população.

Este tema trata especificamente do modo como o esporte (em particular o alto rendimento) é analisado nas revistas que serviram de fonte documental. De modo geral, conclui-se, a partir da exposição aqui apresentada, que as práticas esportivas no Brasil sofrem com investimentos que, pode-se dizer, são “cegos”, posto que, na vigência do Ministério do Esporte, houve alguma iniciativa de políticas públicas, mas, direcionado especificamente ao alto rendimento, sem considerar a formação de base, a não ser com uma magra bolsa atleta.

Ademais, pareceu, a partir do exposto e, certamente, reflexo da fonte documental, que há uma preocupação maior com o(a) atleta profissional como figura de destaque, sem, no entanto, observar que jogadores(as) talentosos(as) surgem a partir de uma cultura esportiva disseminada em um país, ou nação, sendo este um objeto de estudo potente para reflexões futuras.

A influência das manifestações da cultura corporal no meio social

Com um total de oito reportagens encontradas, o tema denominado “A influência das manifestações da cultura corporal no meio social” conta com textos que visam apresentar os benefícios que as práticas da cultura corporal podem oferecer no contexto social, no entanto traz algumas vezes uma visão equivocada sobre o papel dos esportes, danças, ginásticas, esportes, jogos e brincadeiras na vida das pessoas.

A reportagem de título “Educação Física amplia o repertório cultural do jovem”, da revista Carta Capital, rompe com o posicionamento do senso comum, o qual propaga a ideia de que a Educação Física nada mais é do que uma disciplina que visa combater a obesidade e preparar atletas para o meio esportivo. Ela traz por meio da fala de Marcos Neira, professor da Faculdade de Educação da USP, que se pode associar Educação Física a um grupo de componentes que oferecem condições de se fazer apreciações estéticas no mundo e se expressar de diversas maneiras através da linguagem corporal, ou seja, é muito mais que idealizar um estilo de vida saudável ou colaborar com a construção do futuro de atletas.

Adicionalmente, na mesma reportagem, Marcos Neira complementou dizendo o quão importante é para o(a) jovem ter contato com as expressões corporais e culturais abrangidas pela Educação Física. De acordo com Neira, a disciplina permite que haja uma melhor compreensão dos significados e sentidos atribuídos às brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas, a forma como são feitos, por quem e com quais finalidades de prática. Além disso, visa proporcionar o desenvolvimento do senso crítico a respeito das práticas corporais e suas diferentes formas de serem feitas. A vista disso, em um ambiente escolar elas devem ser introduzidas, estudadas e compreendidas, de modo que todos consigam visualizar a forma como cada prática se sistematiza na sociedade. Então, como consequência, a discriminação em relação à certas práticas da cultura corporal devem ser rompidas, em especial com aquelas que não se enquadram a cultura hegemônica.

“Cieps completam 30 anos” é a manchete de uma das reportagens selecionadas, a qual segue nesta lógica de apresentação dos benefícios que as práticas esportivas podem ofertar. Ela descreve como funcionavam os Centros Integrados de Educação Pública, criados por Darcy Ribeiro durante o governo de Leonel Brizola, seus objetivos e benefícios, que de acordo com a professora Laurinda Barbosa, eram principalmente o desenvolvimento da integralidade do ser, de sentimentos, afetos e cognição.

Tendo em vista que o esporte pode atuar de forma positiva na vida das pessoas, “Projeto leva arte e esporte a Lábrea, no Amazonas”, é o título de mais uma reportagem feita pela Carta Capital. Nela é apresentada a ação feita pela ESPN,



Entertainment and Sports Programming Network, que passou por municípios amazonenses de baixo IDH para aproximar a arte e o esporte das crianças, visando afastá-las de uma realidade violenta provocada por conflitos rurais.

Neste segmento, o texto publicado pelo El País de título “Jogar futebol com pistola na cintura” apresenta a história de um projeto criado pelo ativista social Marcos Lelello, em uma das favelas da capital carioca, o Morro do Salgueiro, que consiste em afastar as crianças da violência por meio do esporte. Lelello, em entrevista ao El País, disse que o principal objetivo de seu projeto é incluir as práticas esportivas na vida das crianças de modo que elas fiquem longe das ruas e principalmente dos bandidos, ou seja, para ele, através do esporte as crianças da comunidade desenvolvem uma visão mais madura em relação à sociedade e os seus papéis como membros dela, além de terem maiores perspectivas e visões amplas em relação ao futuro.

Nessa lógica, “As crianças campeãs das olimpíadas da periferia do Rio”, é a manchete de uma das reportagens selecionadas no portal Carta Capital, que apresenta um fato bastante semelhante ao da reportagem anterior, no qual um indivíduo cria cenários fictícios paralelos aos de megaeventos como copa e olimpíadas, visando distanciar os(as) jovens das drogas e outros meios ilícitos.

No entanto, reportagens como as três citadas anteriormente, respectivamente dos meios de comunicação Carta Capital e El País, retratam um posicionamento comum nos dias de hoje, porém equivocados e carentes de aprofundamento, visto que embora a presença do esporte na vida das pessoas, especialmente dos(das) jovens, seja bastante benéfica, as inúmeras práticas esportivas não atuam como um método preventivo à violência e crimes no geral.

Com a intencionalidade de desvelar essa realidade, Nunes Pinto e Oliveira (2017) apresentam um estudo bastante reflexivo que visou compreender as Organizações Não Governamentais (ONGs) que centram sua ação social na oferta de atividades esportivas como acontecimento discursivo que, ao formular e colocar em circulação certos enunciados e certas imagens, acabam por instituir ou fixar verdades sobre o esporte e crianças e jovens despossuídos que vivem nas periferias urbanas brasileiras.

Um dos pontos identificados na pesquisa e bastante criticado pelas autoras é o de que as páginas de abertura dos sites das ONGs apresentam recorrência no uso das cores verde, azul e amarelo, em uma clara alusão às simbologias nacionais. Ou seja, para elas é possível vincular o esporte à nação ao reforçar seu papel como elemento construtor da nacionalidade. Ademais, os nomes de algumas ONGs remetem claramente a símbolos e acontecimentos relacionados ao futebol brasileiro. Tal associação parece dizer que a ação social promovida pelas ONGs se vincula à

construção do Brasil como nação moderna e desenvolvida. Contudo, em nenhum dos discursos em pauta o esporte é significado como patrimônio da cultura brasileira e universal.

O estudo concluiu que as ONGs conferem mais ênfase à própria ação do que aos sujeitos que as recebem; os discursos sobre o esporte são informados por tradições políticas e discursivas que reforçam o valor dessa prática como ferramenta de disciplina e controle; e que as crianças e jovens pobres são aproximados discursivamente da ociosidade, da criminalidade, da indisciplina e do desrespeito às regras. Os discursos muitas vezes apenas colaboram para a ocultação das possibilidades de construção de outros modos de viver, agir, pensar e sentir (NUNES PINTO; OLIVEIRA, 2017).

Destarte, o texto de manchete “O ouro de Rafaela Silva e a fábula da meritocracia”, claramente defende que através do esporte é possível escapar do caminho da violência ao apresentar a história da judoca Rafaela Silva, jovem oriunda de favela que enfrentou as adversidades e conquistou medalha de ouro durante os jogos olímpicos de 2016. Ou ainda a história apresentada na reportagem “Em meio às cinzas, a ideia de um Brasil que vale a pena”, no qual a vitória de Rebeca Andrade durante as olimpíadas de Tóquio é destacada por se tratar de uma atleta oriunda da pobreza. E também o texto de manchete “Teliana Pereira: da pobreza do sertão à elite do tênis”, o qual associa o sucesso da atleta a uma oportunidade recebida enquanto jovem, ou seja, a reportagem indiretamente denomina o esporte como um salvador e responsável por distanciar pessoas não somente do crime, mas também da desigualdade social.

Tal acontecimento é compreensível e de fato prova que o esporte pode provocar impactos positivos na vida das pessoas, no entanto não é interessante rotular as práticas da cultura corporal como um caminho certo para impedir que jovens se aproximem do “mundo do crime”, visto que o papel do esporte na sociedade vai muito além de conduzir pessoas a um caminho entendido como bom e formar atletas para grandes eventos.

Portanto, essas reportagens nos fazem rememorar os debates realizados sobre a importância do fenômeno esportivo na formação cidadã das crianças e jovens sistematizados por Vago (1996) e Bracht (2000). Assim, parece que mesmo os meios de comunicação mais progressistas ainda reproduzem, em muitos contextos, a visão ingênua que apenas a prática esportiva pode tirar as crianças da violência, drogas e indisciplina, reforçando a importância de ampliar essas análises em todos os âmbitos da sociedade.



Este tema, que busca retratar as manifestações da cultura corporal no meio social, desenvolve e descreve as narrativas contidas nas fontes, que preconizam o esporte como a prática corporal dominante. Portanto, foi identificada uma visão ingênua e acrítica dos meios de comunicação ditos progressistas quando se trata de analisar o fenômeno esportivo. Talvez, essa realidade também seja reproduzida por essa parcela da mídia por sua linha editorial reproduzir um modo de pensar e agir para uma ideia de formação cidadã destinada à conformação dos indivíduos às normas e regras, valores e ideologias dominantes, principalmente quando abordam temáticas vinculadas com as práticas esportivas e demais manifestações da cultura corporal.

Elitização do esporte

Vinculadas ao tema “Elitização do esporte”, foram identificadas um total de sete reportagens, as quais visam apresentar aos(as) leitores(as) a realidade problemática que o esporte brasileiro vem enfrentando, em especial o aumento dos custos cobrados para ter acesso às práticas esportivas. Tal fato faz com que grupos com melhores condições financeiras fiquem mais próximos do esporte, enquanto outros menos privilegiados estejam cada vez mais distantes.

“As contradições nas arquibancadas da Olimpíada do Rio, da caridade à venda ilegal” é a manchete de uma das reportagens selecionadas no El País. Ela retrata a ausência de pessoas nas arquibancadas dos clubes esportivos durante os jogos olímpicos de 2016, um ocorrido que não é novo, mas que nos últimos tempos vem se tornando frequente e por isso emite sinal de alerta, indicando que algo precisa ser corrigido.

As ações adotadas pelos clubes são interessantes, pois nenhum deles quer deixar evidente que não há público para ocupar em peso suas cadeiras, desse modo, em Londres, por exemplo, a ideia foi vestir militares encarregados pela segurança dos estádios com agasalhos esportivos para torcerem pelas equipes estrangeiras. Já aqui no Brasil, o comitê organizador optou por distribuir 285.000 ingressos para escolas públicas e programas sociais, não com objetivo de beneficiar a população, mas sim de ocupar as arquibancadas antes vazias de modo que todas ficassem visualmente mais harmônicas e bonitas na hora de aparecer na mídia.

Adicionalmente, a mesma reportagem trouxe a realidade da vida de Christian Soares, um menino de 10 anos que vive no Complexo de favelas da Maré, filho de um faxineiro e de uma empregada doméstica. Ele e seus três irmãos não puderam prestigiar os jogos olímpicos, pois cada ingresso foi ofertado por R\$60,00, valor totalmente fora do orçamento de seus responsáveis.

A reportagem de manchete “A receita dos times do Pará para se reconectar ao povo e encher os estádios” traz um acontecimento semelhante, que consiste em acolher torcedores(as) de baixa renda por meio de ingressos gratuitos para dar força ao estádio e aos atletas através das arquibancadas lotadas, sendo esse o real objetivo.

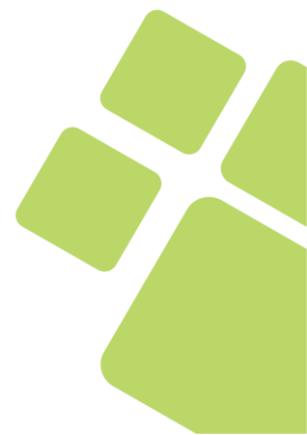
A elitização nos estádios e no esporte como um todo pode ser vista como um problema derivado de vários fatores, sendo um deles a deficiência profissional presente no âmbito político e administrativo do esporte brasileiro. “Alexandre Kalil: futebol não é coisa para pobre” é o título de mais uma reportagem selecionada, a qual mostra claramente qual é o posicionamento do ex-presidente do Atlético Mineiro em relação aos valores dos ingressos cobrados pelos clubes no meio futebolístico.

Em 2017, ainda prefeito de Belo Horizonte, Kalil vetou um projeto de lei que previa a venda de 30% da carga total de bilhetes a preços populares nos estádios da capital mineira. Em entrevista ao El País, ele justificou sua posição com as seguintes palavras: “No mundo inteiro, futebol não é coisa para pobre. Doa a quem doer. Ingresso é caro em todo lugar. Torcida dividida e entrada a preço de banana estragada só existem no Brasil. O Atlético coloca ingresso a 20 reais e não lota o estádio. Futebol não é público, não é forma de ajuda social”.

A grande justificativa da oferta de ingressos com valores tão elevados é a de que os atletas necessitam de um salário significativo, ou seja, o preço cobrado pelos bilhetes é totalmente usado para financiar os salários e benefícios dos jogadores. No entanto, a reportagem de título “Os pobres do futebol: aqueles que não se chamam Neymar” mostra que em um reflexo da desigualdade social presente no Brasil, no qual oito em cada 10 jogadores vivem com menos de R\$1.450,00 por mês.

Mariana Ceratti, autora da reportagem citada anteriormente, diz que o grupo de atletas que estreiam em megaeventos representa apenas a ponta mais visível de uma realidade desigual existente em solo brasileiro. Ela ainda complementou com a fala de um jornalista esportivo colombiano, o qual disse que o futebol, por exemplo, é um caminho de prestígio para os que não somente têm talento, mas também sorte. Portanto, nota-se um equívoco quando defendem a implementação de ingressos caros para subsídio dos atletas, uma vez que a realidade da maioria deles e delas é de precariedade salarial.

A reportagem “A gentrificação do futebol explica os estádios vazios” também demonstrou em seu texto a exclusão que vem se tornando comum no Brasil, já que muitas vezes pessoas imploram para ver uma partida de futebol ou simplesmente um treino, e ainda assim são impedidas por não possuírem condições financeiras para comprar um bilhete caro. É o que diz também a notícia selecionada com título “A seleção que despreza sua gente”, a qual retrata um grupo de atletas que não enxergam



a realidade social de seu país e desprezam seus(suas) torcedores(as) por meio de ações completamente incoerentes e desiguais.

Problematizando essa realidade, Campos, Bruzzi e Silva (2016) realizaram uma pesquisa qualitativa do tipo exploratória descritiva, a qual objetivou identificar a origem social dos torcedores de futebol residentes em Belo Horizonte, capital mineira, e que frequentaram o Estádio Mineirão durante o Campeonato Mineiro do ano de 2013. O objetivo de tal ação foi refletir sobre as mudanças às quais os(as) torcedores(as) tiveram que se submeter, para que fosse estabelecido uma posição crítica frente aos acontecimentos de *comoditização* do futebol brasileiro. Para obtenção dos resultados, a autora e os autores do estudo estiveram presentes em todos os jogos da referida competição para a aplicação de questionário aos(às) torcedores(as) do Cruzeiro e do Atlético Mineiro. Nesse contexto, a investigação apontou que o estádio Mineirão, após a reforma, continuou sendo um espaço de diversidade, apesar dos gestores desse espaço priorizarem como nicho de mercado as pessoas com poder de consumo, acarretando, sim, na exclusão daqueles que não atendem a essa principal exigência.

Portanto, em diálogo com Ferrari (2019), menciona-se que o processo de mecadorização do esporte, atingindo fortemente o futebol brasileiro, se refletiu nos(nas) torcedores(as) com menor poder aquisitivo, que não conseguiram mais participar desses eventos dentro dos estádios, já que os clubes são geridos como grandes empresas, trabalham cada vez mais pesado em ações de marketing para que o(a) expectador(a) consuma de forma intensa o que lhe oferecem, promovendo diversas ações que se tornaram comuns no esporte brasileiro e mundial, perdendo a essência do respeito com esse grupo devido ao tratamento dessas pessoas como meros consumidores.

Corrupção no esporte

Com um total de seis reportagens encontradas, o tema denominado “Corrupção no esporte” conta com textos que visam apresentar aos leitores como são os bastidores do mundo esportivo brasileiro, no qual muitas vezes a pequena quantidade de verba que deveria ser utilizada para beneficiamento da população e dos(das) atletas é desviada para favorecimento dos representantes corruptos.

“A CBF enriquece muita gente com a indústria de amistosos do Brasil” é a manchete de uma das reportagens selecionadas no El País, a qual traz a visão de Jamil Chade, autor do livro “Política, Propina e Futebol”, em relação aos desvios de dinheiro presente no esporte, especificamente dentro da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Chade descreve sobre os acordos milionários existentes, o caminho percorrido

pelo dinheiro dentro desses esquemas e complementa comparando o futebol à uma máquina de fazer dinheiro, sendo este uma oligarquia da bola. Além disso, ele traz na reportagem acontecimentos considerados comuns dentro dos clubes esportivos, que são as mentiras e as trocas de favores feitas com a mídia.

A reportagem de 2017, selecionada no portal Carta Capital, de título “Presidente de confederação de natação é preso em ação anticorrupção” descreve uma ação realizada pela polícia federal para investigar o desvio de verbas públicas que deveriam ser destinadas à compra de equipamentos para o esporte olímpico nacional. Nesse contexto, essa ação foi denominada como operação águas claras e nela, o presidente da Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos (CBDA), Coaracy Nunes e outros funcionários foram presos por supostamente terem relação com a má aplicação dos 40 milhões de reais que foram repassados à confederação. Além disso, a mesma reportagem trouxe outros motivos pelos quais a polícia federal suspeitou da CBDA, como instalação de empresas fachada e ligação com compras de passagens aéreas e diárias de hotéis, evidenciando que muitas vezes o valor cobrado foi absurdamente alto e incoerente comparado ao do mercado.

Com ideia semelhante, a reportagem de título “FIFA demite Jérôme Valcke após escândalo envolvendo a Copa no Brasil” descreve o processo que ocasionou a demissão do ex secretário-geral da FIFA, pois o francês obtinha grande parte do lucro gerado através da revenda de ingressos para a Copa do Mundo no Brasil, em 2014.

A reportagem de manchete “Com orçamento secreto, ONG de ex-jogador lidera repasses do Esporte” retrata algo parecido ao da narrativa citada anteriormente. Nela, o projeto do ex-jogador do Flamengo, Leonardo Moura, que visa oferecer treinamento de futebol a crianças e adolescentes, ficou conhecido após receber um investimento de R\$41,6 milhões de reais do governo, verba pública extremamente alta e considerada descomunal, uma vez que a quantia destinada à instituição de Léo Moura entre 2020 e 2021 foi praticamente o dobro do enviado à Confederação Brasileira do Desporto Escolar (CBDE), a qual recebeu apenas R\$27,5 milhões. Desse modo, pode-se concluir que investir em ONGs e projetos sociais no geral é bastante benéfico para a população, no entanto é preciso equilibrar e determinar prioridades, algo que claramente não aconteceu no momento em que as verbas públicas foram repassadas para o esporte.

Tendo em vista que no âmbito esportivo há muitas ações sigilosas e corruptas, a reportagem de título “A incapacidade de gestão da CBF nos levou ao abismo” traz o posicionamento de Paulo André, um ex-zagueiro de futebol, que fazia parte de um coletivo 1.000 jogadores profissionais que pediam a chamada “regeneração” do esporte. O movimento de André se chama Bom Senso Futebol Clube, que possui a



intencionalidade de lutar para que o futebol brasileiro se torne mais transparente e democrático, visto que segundo eles há graves problemas na administração dessa manifestação da cultura corporal. Todo o sistema corporativo dos clubes esportivos, mas em especial da CBF, trabalha em prol dos objetivos de seus dirigentes, os quais não se preocupam com o desenvolvimento do esporte ou com a população brasileira que segue cada vez mais distante das práticas esportivas. Os lucros milionários da CBF e demais federações não condizem com a realidade de dívidas e atrasos salariais a qual a maioria dos clubes brasileiros enfrentam.

Por fim, a reportagem com a manchete “Um estádio na selva para um time fantasma” mostra a realidade esportiva da Amazônia, estado brasileiro no qual o esporte não é tão praticado, mas que para o governo brasileiro merecia um estádio de R\$594 milhões de reais com capacidade para 44.000 pessoas. Tal acontecimento demonstra uma defasagem na administração, mostrando que os interesses políticos têm mais força que o olhar técnico e realista para sociedade.

Sem sombra de dúvidas, o debate sobre a corrupção nas práticas esportivas precisa ser ampliado na literatura da Educação Física. Dessa forma, apenas com os pressupostos da sociologia crítica do esporte, defendidos por Bracht (2006), será possível uma problematização ampla sobre essa temática com as crianças e jovens, desvelando as funções sociais que essa prática da cultura corporal desempenha em nossa sociedade, possibilitando assim um esclarecimento crítico acerca do fenômeno esportivo.

Problematizando as desigualdades socioeconômicas que atravessam as manifestações da cultura corporal nas aulas de Educação Física escolar

Após a análise realizada, ressaltamos a relevância de problematizar as relações entre as desigualdades socioeconômicas e as manifestações da cultura corporal nas aulas de Educação Física Escolar como uma forma de transgredir as fronteiras sociais existentes na sociedade contemporânea (MALDONADO; NEIRA, 2022b).

Como demonstrado nos tópicos anteriores, a revista Carta Capital e o Jornal El País são considerados meios de comunicação progressistas que produzem conhecimentos potentes para pensar em projetos educativos nas aulas de Educação Física. Todavia, essa produção midiática ainda reproduz discursos ingênuos que precisam ser debatidos com as crianças, jovens, adultos e idosos nas atividades de ensino organizadas pelos(as) docentes do componente curricular, principalmente nas afirmações que os esportes “tiram da droga, promovem saúde e diminuem a violência”.

Outro ponto crítico que precisa ser analisado é o futebol como manifestações da cultura corporal hegemônica nesse tipo de produção midiática. Mesmo que as reportagens analisadas produzam reflexões sobre as desigualdades econômicas que atravessam essa manifestação da cultura corporal, a mídia alternativa precisaria ampliar os seus horizontes na perspectiva de produzir saberes que também potencializem conhecimentos críticos sobre as ginásticas, lutas, danças, jogos e brincadeiras.

Portanto, ao pensar na efetivação dos currículos críticos da Educação Física nas escolas brasileiras, defende-se que a produção jornalística de caráter progressista sobre os aspectos históricos, sociais, econômicos e políticos que perpassam as manifestações da cultura corporal precisa ser levada em consideração, na perspectiva de proporcionar a leitura densa do mundo e a conscientização dos(das) estudantes que frequentam a Educação Básica.

Considerações finais

Por meio das 45 reportagens selecionadas entre os sites jornalísticos Carta Capital e El País, foi possível identificar os variados fatores que impactam negativamente as práticas esportivas e demais manifestações da cultura corporal no Brasil. Entre eles está o mais noticiado e identificado entre as reportagens, a ausência de investimentos no esporte e nas práticas corporais como um todo, fato que prejudica não somente o desenvolvimento da carreira de atletas, mas também de toda a população, uma vez que as pessoas acabam não vivenciando as danças, lutas, ginásticas, esportes, jogos e brincadeiras e, por consequência, não usufruem dos benefícios dessas manifestações culturais, além de não acessar determinados saberes produzidos pela humanidade.

Além disso, notou-se entre as reportagens problemas como a desvalorização de modalidades esportivas não pertencentes à cultura hegemônica; elitização do esporte por meio dos valores extremamente altos que vêm sendo cobrados por bilhetes de acesso às partidas de futebol, por exemplo; governos e grupos administrativos falhos; e desvio de verba pública, problema que se relaciona com o anterior, uma vez que os(as) representantes políticos que deveriam zelar pelas diversas áreas que compõem o meio social não aplicam o dinheiro público de forma justa, beneficiando a minoria ou a si mesmos, deixando evidente que a organização política brasileira é falha e descomunal.

Ao analisar as reportagens pertencentes à categoria “A influência das manifestações da cultura corporal no meio social”, notou-se a apresentação de uma visão um tanto quanto equivocada em relação ao papel das práticas da cultura corporal na vida das pessoas, visto que muitas vezes as mesmas são compreendidas como um



fator que ajuda na redução do índice de criminalidade e vulnerabilidade econômica na sociedade, uma visão que carece de criticidade, aprofundamento e realismo, uma vez que os problemas sociais e econômicos existentes atualmente na sociedade não dependem apenas das atividades esportivas para serem dissolvidos.

Portanto, o atual estudo identificou as dificuldades que as práticas esportivas enfrentam e as consequências que tais impasses causam na comunidade. Adicionalmente, levantou, por meio de uma análise crítica, a ideia equivocada que muitos ainda têm em relação ao papel das manifestações da cultura corporal na sociedade, as quais vão muito além de defender um estilo de vida saudável ou desenvolver um(a) atleta de sucesso. As práticas da cultura corporal precisam ser reconhecidas como uma forma de direito social para a população.

Por fim, defende-se que as relações entre as manifestações da cultura corporal, as desigualdades socioeconômicas e as suas influências societárias, que foram analisadas e debatidos nesse artigo, sejam problematizados nas aulas de Educação Física Escolar, podendo ser esse manuscrito um material potente para inspirar essas reflexões com as crianças, adolescentes, jovens e adultos que frequentam a Educação Básica brasileira.

Referências

- BOSSLE, Fabiano. Carta-Utopia: palavras para uma teoria pedagógica da educação física escolar crítico-libertadora. *In: MEIRELES, Bruno Freitas et al. (Orgs.). Freireano há 100 anos: o encontro com a Educação Física Escolar*. Curitiba: CRV, 2021. p. 139-150.
- BRACHT, Valter. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Movimento**, Porto Alegre, v. 7, n. 12, p. 14-20, 2000.
- BRACHT, Valter. Sociologia do esporte e educação física escolar. *In: O fenômeno esportivo: ensaios crítico-reflexivos*. Chapecó, Argos, 2006. p. 33-44.
- BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2. p. 77-101. 2006.
- CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira; BRUZZI, Rúbio Sabino; SILVA, Silvio Ricardo. Elitização do mineirão? Análise a partir da origem social dos torcedores. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, v. 3, n. 1, p. 126-141, 2016.
- CANAN, Felipe, SANTOS, Luciana Letícia Sperini Rufino; STAREPRAVO, Fernando Augusto. Panorama geral sobre políticas de esporte no Brasil. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 15, n. 1, p. 15-27, 2017.
- CASTELLANI FILHO, Lino et al. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FERRARI, Nathalie Matos. A (re)elitização do futebol moderno: espetacularização do esporte mais popular do Brasil como um negócio. **Alamedas**, v. 7, n. 1, p. 65-76, 2019.

KUNZ, Elenor. **Transformação Didático-Pedagógica do Esporte**. Ijuí: Unijuí, 2004.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmaso Afonso. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 6. ed. São Paulo: EPU, 2003.

MALDONADO, Daniel Teixeira. **Professores e professoras de Educação Física progressistas do mundo, uni-vos!** Curitiba: CRV, 2021.

MALDONADO, Daniel Teixeira; NEIRA, Marcos Garcia. Práticas corporais, justiça social e Educação Física: análise da experiência de docentes da Educação Básica. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 34, n. 65, p. 1-20, 2022a.

MALDONADO, Daniel Teixeira; NEIRA, Marcos Garcia. Resistências e transgressões na prática político-pedagógica da Educação Física. **Currículo sem Fronteiras**, v. 22, e1866, 2022b.

MALDONADO, Daniel Teixeira; SILVA, Maria Eleni Henrique; MARTINS, Raphael Moreira. **Educação Física Escolar e justiça social: experiências curriculares na educação básica**. Curitiba: CRV, 2022.

MATIAS, Wagner Barbosa et al. A lei de incentivo e o (não) direito ao esporte no Brasil. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 95-110, 2015.

NEIRA, Marcos. **Práticas corporais: brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas**. São Paulo: Melhoramentos, 2014.

NUNES PINTO, Rubia-Mar; OLIVEIRA, Cristina Borges. Esporte, infância e juventude despossuída: uma análise das ONGs como acontecimento discursivo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 39, n. 1, p. 39-48, 2017.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 1, n. 1, jul. 2009.

VAGO, Tarcísio Mauro. O “esporte na escola” e o “esporte da escola”: da negação radical para uma relação de tensão permanente. **Movimento**, Porto Alegre, v. 3, n. 5, p. 4-17, 1996.

VAZ, Alexandre Fernandez. Jogos Olímpicos: pensar sobre o Brasil e nosso tempo. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 7, n. 1, p. 81-91, 2016.

Recebido em: 21/12/2022
Aprovado em: 23/01/2023
Publicado em: 13/04/2023

